

FALSEAMENTO E MENTIRA PARA SI MESMO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O RESSENTIMENTO E A PSICOLOGIA METAFÍSICA

- 1) AUTOR: FABIANO FREITAS PINTO; 2) ORIENTADOR: CLADEMIR LUÍS ARALDI;
3) CO-ORIENTADOR: LUÍS EDUARDO RUBIRA
- 1) UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - fabiano.psi@hotmail.com
2) UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - clademir.araldi@gmail.com
3) UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - luiseduardorubira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em nota que encerra a primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, Friedrich Nietzsche expressa pública e formalmente um desejo, a saber: “que alguma faculdade de filosofia tome para si o mérito de promover os estudos histórico – morais” (NIETZSCHE, 1999, p. 45 e 46), enfatizando que esta questão merece a atenção de filólogos, historiadores e profissionais da filosofia, além de ser igualmente necessário fazer com que fisiólogos, psicólogos e médicos se interessem pelo problema do valor das valorações até agora existentes. Neste caso particular das valorações, os filósofos de ofício podem representar os porta – vozes e mediadores, “após terem conseguido transformar a relação entre filosofia, fisiologia e medicina, originalmente tão seca e desconfiada, num intercâmbio dos mais amistosos e frutíferos” (*Idem*). Nesse sentido, todo “tu deves”, necessita de uma clarificação e interpretação fisiológica, ainda mais que psicológica, sendo que ambas aguardam por uma crítica da medicina. Neste compromisso com uma reinterpretação naturalista das coisas humanas, a questão do valor das tábuas de valores deve ser observada pelas mais diversas perspectivas, onde todas as ciências devem preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo de hierarquizar os valores. Deste modo, como preparação para a caracterização da psicologia pertencente a este projeto, neste escrito nos debruçaremos sobre a relação apontada por Nietzsche entre ressentimento e a psicologia metafísica vigente no final do século XIX.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, debruçamo-nos sobre a obra *Genealogia da Moral*, traduzida por Paulo Cesar de Souza, além da discussão com comentadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, após sugerir falta de valentia e de desejo de verdade dos “psicólogos ingleses”, Nietzsche assinala que estes microcopistas da alma estão presos e imobilizados ao erro de buscar a fonte do conceito de “bom” não no *pathos* da distância, mas na oposição entre “egoísmo” e “não egoísmo”, uma oposição característica do instinto de rebanho que só viria a se impor à consciência humana depois de muito tempo, com a rebelião escrava na moral e o conseqüente declínio dos valores aristocráticos. Por seu turno, a rebelião citada tem início quando o ressentimento, oriundo do ódio insatisfeito de seres privados da possibilidade de reação, torna-se criador de valores, a partir de um olhar que nega um mundo oposto e exterior ao seu¹, concebe seu inimigo como “mau” e pensa a si próprio como “bom”, tal como escreve Nietzsche:

[...] já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1999, p. 29)

Nesse sentido, o homem do ressentimento é caracterizado por não ser franco nem honesto consigo, “ele entende de silêncio, de não esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria” (*Idem*, p. 30), desse modo, em maior escala, uma raça de tais homens resultará necessariamente mais inteligente do que qualquer raça nobre e venerará muito mais a inteligência, uma vez que nela está sua condição de existência de primeira ordem. Em contrapartida, no homem nobre² primeiro e de forma espontânea é concebida, de dentro de si, a noção básica de “bom” e só depois é criada uma representação de “ruim”, ou seja, este homem busca seu oposto apenas para dizer “sim” a si. Nesta perspectiva, sua felicidade está condicionada a ação, uma vez que em primeiro plano está à honestidade consigo. No nobre há um excesso de forças plásticas propiciadoras do esquecimento, de modo que ele não consegue levar a sério por muito tempo seus inimigos e por isso reclama-os para si, assim como também reclama o perigo, por ser possuidor de certa imprudência, valente precipitação e entender que tanto nos inimigos como no perigo reside a

¹ Para Oswaldo Giacóia Junior, no tipo escravo “não está presente um excedente de força, mas um índice de fraqueza; por conseguinte, não existe a espontaneidade da ação, mas reação consistente numa inversão dos valores nobres.” Cf.(GIACÓIA JÚNIOR, O., 2001, p. 81).

² Oswaldo Giacóia Junior destaca que a diferenciação moral nobre X moral escrava está fundamentada em outra distinção, a saber, ação X reação, que por sua vez introduz o par de opostos forte e fraco, complementar a ativo e reativo, nobre e escravo. Cf.(GIACÓIA JÚNIOR, O., 2001, p. 79 e 80).

possibilidade de sua distinção, portanto, dadas estas características, mesmo que no homem nobre apareça o ressentimento, ele não será por este envenenado devido a sua postura ativa³.

Nesse contexto, ao pensar a origem do “bom” a partir da perspectiva do ressentido, Nietzsche enfatiza a impotência deste homem que exige da força que ela não queira dominar, vencer e subjugar, ou seja, que não se expresse como força. Deste modo, evidencia-se uma discriminação no que tange à força e sua expressão, como se por trás do homem nobre houvesse uma liberdade para expressar ou não a sua força, o que possibilita que a fraqueza seja interpretada como liberdade e seu ser assim como mérito, raciocínio motivado por um instinto de autoconservação, no entanto, não existe tal liberdade, “não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; ‘o agente’ é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo.” (NIETZSCHE, 1999, p. 36). Na verdade, é bastante ardiloso que o homem do ressentimento cultive a crença de que a ave de rapina é livre para ser ovelha, porque, desta forma, responsabiliza o nobre pela expressão de sua força, o que justifica que o oprimido, pisoteado e ultrajado seja “bom” como todo aquele que não ultraja, não fere, não promove acerto algum de contas. Neste sentido, ganha relevo a defesa de uma vida vivida na sombra e a mínima exploração das possibilidades da própria vida, com a justificativa de que viver assim representa paciência, humildade e, em última palavra, bondade, contudo, isto nada mais significa do que uma confissão: “nós, fracos, somos realmente fracos; convém que não façamos nada para o qual não somos fortes o bastante” (*Idem*, p. 37), assim, graças a uma profunda desonestidade consigo, a fraqueza dos fracos passou a ser vista como algo desejado, voluntário, escolhido, ou seja, a impotência disfarçou-se de virtude que cala, renuncia e espera.

4. CONCLUSÃO

Vemos como ponto de inovação deste trabalho, a vinculação da psicologia metafísica vigente no final do século XIX com a oposição “egoísmo” e “não egoísmo”, que, tal como destaca Nietzsche, é característica do instinto de rebanho que viria a se impor à consciência humana com o declínio dos valores aristocráticos.

³ De acordo com Marco Brusotti: “a diferença específica quanto ao forte consiste, assim, (1) no fato de que nele o ressentimento não necessariamente se apresenta e ainda (2) no fato de que, mesmo que o ressentimento advenha, o forte está em condições de reagir imediata e completamente. O fraco [...] não está em condições de reagir, já o forte nem mesmo tem essa necessidade.” Cf. (BRUSOTTI, M. 2010, p. 380).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSOTTI, M. **Ressentimento e vontade de nada**. In: Cadernos Nietzsche, Trad. de Ernani Chaves. São Paulo: Editora GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, v. 8, p. 3-34, 2000.

GIACÓIA JÚNIOR, O. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo. Editora da Unisinos, 2001.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral – Uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.